

Joanna Drzazgowska
Uniwersytet Gdański
juanna@poczta.onet.pl

Infinitivo pessoal – um fenómeno português?

Algumas observações acerca do infinitivo flexionado

Resumo:

O objetivo do presente artigo é apresentar o problema da denominação e da origem do infinitivo pessoal português. Mostraremos algumas opiniões de diferentes linguistas relativamente ao problema em causa. Igualmente, tentaremos responder à pergunta se o infinitivo pessoal é somente um fenómeno português ou se existem outras línguas nas quais se observa uma forma verbal parecida.

Palavras-chave: infinitivo pessoal, origem, denominação, fenómeno português.

Abstract:

Personal Infinitive – a Portuguese phenomenon? Observations about the inflective infinitive

The purpose of the article is to present the issue of the naming and the origin of the Portuguese inflected infinitive. We will present a number of opinions of various linguists on the topic. We will also try to answer the question whether the Portuguese inflective infinitive is a purely Portuguese phenomenon or there are other languages in which a similar verbal form can be observed.

Keywords: inflected infinitive, origin, denomination, Portuguese phenomenon.

A língua portuguesa tem ao seu dispor muitas formas verbais que, pelo menos no início do processo da aprendizagem, parecem difíceis aos alunos polacos. Na maioria dos casos o problema está relacionado com a falta de equivalentes de muitas formas verbais no polaco, como é no caso, por exemplo, do conjuntivo. No entanto, há também formas verbais que não provocam muitas dificuldades no seu ensino, mas simplesmente surpreendem os alunos. Surpreendem por causa da sua originalidade, por serem desconhecidas não somente na sua língua materna mas também em outras línguas estrangeiras que os alunos polacos conhecem. É o caso do infinitivo pessoal português. A pergunta que os estudantes costumam fazer é: como é que um infinitivo se pode flexionar?

O objetivo do presente artigo é apresentar mais de perto algumas dificuldades que se encontram no âmbito dos estudos dedicados ao infinitivo pessoal e tentar esclarecer o problema que com muita frequência surge nas aulas de português: quais são as origens do infinitivo pessoal. O nosso objetivo é o artigo ser útil não somente aos alunos, mas também aos professores de língua portuguesa.

Queríamos sublinhar que não é nossa intenção apresentar neste momento um trabalho exaustivo dedicado ao infinitivo pessoal nem mostrar todos as dificuldades que possam surgir neste contexto. O presente artigo constitui apenas uma introdução aos estudos pormenorizados relativos ao infinitivo pessoal que tentaremos realizar no futuro, especialmente no que se refere à sintaxe da mencionada forma verbal.

Antes de passarmos à análise das questões em causa queríamos citar algumas opiniões de diferentes linguistas acerca do infinitivo pessoal. Michaëlis de Vasconcelos [Meier, 1950: 130] acha que o infinitivo pessoal é “notável e feliz aquisição dos portugueses”. Said Ali [2008: 61] acrescenta que é “uma forma extremamente curiosa” e sublinha que é uma forma “estranha às línguas irmãs como a quaisquer outras fora do domínio românico”. Maurer Jr. [1951: 7] embora concorde com Said Ali e admita que “é uma notável peculiaridade do português entre as línguas da família românica”, considera que é “um dos seus mais característicos idiotismos”. Num trabalho posterior,

o mesmo autor [Maurer Jr., 1968: 102] reconhece que o infinitivo pessoal “dá à frase portuguesa recursos de expressão, variedade e elegância, para os quais não se poderiam encontrar correspondentes nas línguas irmãs”. Maurer Jr. não é o único autor que utiliza o termo *idiotismo* para descrever o infinitivo pessoal. Meier [1950: 115] cita o linguista Adolfo Coelho que acha que “é um idiotismo da nossa língua, uma criação infeliz do povo português, e, por isso, devemos evitá-lo, sempre que o possamos fazer, sem ferir as leis da clareza e da harmonia”.

Parece surpreendente que os tratadistas do assunto expressem muita emoção, seja negativa seja positiva, relativamente ao infinitivo pessoal. Para além disso, é pouco frequente encontrarmos tantos determinantes e qualificadores usados na análise de uma forma verbal.

Passemos agora a apresentar algumas dificuldades que surgem no âmbito dos estudos dedicados ao infinitivo pessoal. Segundo o nosso parecer, são problemas menos esclarecidos e menos conhecidos por serem, atualmente, menos estudados do que a sintaxe do infinitivo pessoal.

Designação

Um dos problemas que observamos a respeito das pesquisas que se referem ao infinitivo pessoal é o problema da denominação. Na língua portuguesa existem três denominações relativas à forma em causa: *infinitivo pessoal*, *infinitivo flexionado* e *infinitivo conjugado*. A designação mais frequente é a de *infinitivo pessoal*¹. Embora seja

¹ Conseguimos verificar que nas gramáticas e manuais da língua portuguesa predomina o termo infinitivo pessoal. A este propósito veja: Coimbra, Mata Coimbra [2011], Lemos [2004], Mata Coimbra, Coimbra [2001], Mata Coimbra, Coimbra [2002], Melo Rosa [1998], Nazaré de Carvalho Laroça et al. [2003], Oliveira, Coelho [2007a], Oliveira, Coelho [2007b], Oliveira, Coelho [2007c],

a mais frequente, não satisfaz muitos autores, entre eles Schuchardt [Hampejs, 1961: 178] por ser demasiado ampla e Meier [*ibidem*] por se confundir com o infinitivo invariável com o sujeito expresso no espanhol (*al salir el chico, por estar ellas*).

Parece-nos que a mesma denominação não pode ser utilizada em relação aos dois infinitivos (o português e o espanhol). Ambos admitem os sujeitos, mas somente o infinitivo português tem as desinências pessoais. O infinitivo espanhol é invariável e a indicação da pessoa é graças ao sujeito nominal ou pronominal, então a noção de personalidade é expressa pelo meio lexical.

Convém notar que *peçoal* não indica que se trata também da categoria de número expressa pelas desinências verbais. Por esse motivo, alguns autores preferem outro termo: *infinitivo flexionado*. Contudo, Hampejs [1961: 179] considera o termo *flexionado* demasiado amplo por se poder referir a qualquer tipo de flexão (tanto nominal como verbal) e portanto sugere usar outro termo, na sua opinião mais exato e inequívoco, *infinitivo conjugado*. No entanto, o termo conjugado, assim como *flexionado*, parece pouco rigoroso visto que o infinitivo em causa só tem as desinências pessoais na segunda pessoa do singular e no plural. Na primeira e na terceira pessoas do singular pode-se, portanto, falar das desinências zero ou do infinitivo comum ou peçoal não flexionado. Segundo a opinião de Hampejs [*ibidem*: 180] nas formas da primeira e terceira pessoas o infinitivo conjugado não existe e portanto o linguista propõe deixar de falar de infinitivo conjugado por existir, segundo o autor, um só infinitivo com uma variante estilística com desinências morfológicas.

Como tentamos mostrar, nenhuns dos termos existentes parece adequado. No nosso artigo optamos pelo termo *infinitivo peçoal* por apresentar um maior grau de frequência.

Tavares [2004], Tavares, Tavares [2012]. Muito menos comum é a designação infinitivo com flexão ou flexionado Fontão do Patrocínio, Coudry [2007] e Mateus et al. [2003], respetivamente.

Origem

Said Ali [2008: 61] sublinha que “(...) este infinitivo se encontra nos mais antigos monumentos da língua portuguesa, parecendo ter nascido com o próprio idioma” e aponta que a forma verbal em causa aparece já em muitos textos do século XII, por exemplo nas crónicas e memórias de Santa Cruz de Coimbra, Livro de Linhagens, foral de Lisboa de 1179, etc.

O nosso objetivo não é uma análise pormenorizada da origem do infinitivo pessoal português nem uma apresentação detalhada de todas as teorias existentes neste contexto. A nossa intenção é apenas indicar diferentes interpretações acerca da génese da forma verbal em causa.

Começamos pelas interpretações fonéticas e morfológicas. Durante muito tempo o futuro do conjuntivo, devido a uma semelhança formal e mecânica, foi uma suposta origem do infinitivo pessoal. Entre os partidários da mencionada interpretação podemos indicar, entre outros, Bourciez [Maurer Jr., 1968: 13] que admite que foi o próprio infinitivo que recebeu flexão por influência do futuro do conjuntivo. Os autores explicavam a sua interpretação por analogia com os verbos fracos ou por intervenção do infinitivo nas formas dos verbos fortes (*tu fazeres*, e não: *fezeres*, *fizeres*) [Meier, 1950: 122].

Atualmente, a interpretação é rejeitada, no entanto, segundo alguns linguistas [Hampejs, 1961: 182-183], graças à identidade das desinências das duas formas verbais o futuro do conjuntivo podia influir para acelerar o processo da criação do infinitivo pessoal.

Muitos autores explicaram a origem do infinitivo pessoal no imperfeito do conjuntivo latino. A interpretação foi proposta por Wernecke em 1885 [Maurer Jr., 1968: 7], renovada por Mohl em 1899 [*ibidem*: 8] e estabelecida finalmente por Gamillscheg [*ibidem*: 9] e Rodrigues [*ibidem*: 12]. Até aos anos 70 do século XIX achava-se que o imperfeito do conjuntivo latino tinha desaparecido no latim vulgar. Com o redescobrimento dessa forma verbal por Foth em 1876 no logodorês foram realizadas várias pesquisas [Meier, 1950:

116]. Portanto, Gamillscheg [Maurer Jr., 1968: 9] partiu da vitalidade românica do imperfeito do conjuntivo latino e viu no infinitivo pessoal a sua continuação. Quer dizer, o imperfeito do conjuntivo continuava vivo quando surgiu no sistema verbal hispano-português com o mesmo significado, o infinitivo pessoal. Para o português destaca-se também o trabalho de 1914 de Rodrigues [Meier, 1950: 116] e de 1920 de Michaëlis de Vasconcelos [*ibidem*]. Os linguistas reuniram muitos exemplos de orações relativas e conjuncionais e chegaram à conclusão de que existia a continuação do imperfeito do conjuntivo latino com a sua função tradicional no português até meados do século XVI.

Segundo Meier [Meier, 1950: 123-125], para o processo mencionado poder ter acontecido, o imperfeito do conjuntivo latino devia ter passado por três etapas de neutralização para se converter no infinitivo pessoal: neutralização de tempo (o infinitivo pessoal além da expressão do passado, pode referir-se ao presente e ao futuro: *era / é / será preciso leres*), neutralização de modo (o infinitivo pessoal desempenha tanto as funções do conjuntivo como do indicativo: *para comprares, por comprares*), neutralização de contraste entre os modos pessoais do verbo (indicativo, conjuntivo, imperativo) e as suas formas nominais, impessoais (infinitivo, gerúndio, particípio) que faz do infinitivo pessoal uma forma de infinitividade reduzida.

Hampejs [1961: 182] põe em dúvida a veracidade da teoria mencionada devido ao facto de que os linguistas não justificavam devidamente que o imperfeito do conjuntivo fosse usado no português na época em que nas línguas vizinhas já tinha caído em desuso e que o emprego do infinitivo pessoal correspondia mais ao emprego do imperfeito do conjuntivo do que ao infinitivo impessoal. Igualmente, para Maurer Jr. [Maurer Jr., 1951] é indispensável explicar por que razão o imperfeito do conjuntivo perdeu a maioria das funções mais comuns do conjuntivo para adotar, na maioria dos casos, as de um infinitivo. O linguista [Maurer Jr., 1968: 99] aponta as razões para justificar o seu ponto de vista de que o imperfeito do conjuntivo não pode ser a origem do infinitivo pessoal: não há indício de sobrevivência do imperfeito do conjuntivo no português e os empregos do

infinitivo pessoal só parcialmente correspondem aos do imperfeito do conjuntivo.

Para um grande grupo de linguistas a origem do infinitivo pessoal está no infinitivo impessoal. Um dos primeiros linguistas foi Otto que em 1889 num dos seus artigos apresentou uma nova interpretação e considerou o infinitivo pessoal um criação original proveniente do infinitivo impessoal [*ibidem*: 8]. Entre outros autores que partilham este ponto de vista, podemos apontar Michaëlis de Vasconcelos² e Leite de Vasconcelos [Meier, 1950: 122; Maurer Jr., 1968: 8-9], Maurer Jr. [1968], entre outros. O infinitivo pessoal é considerado uma variante do infinitivo românico comum que em português acabou por ser flexionado. Portanto, o infinitivo pessoal nasceu do infinitivo impessoal através do acrescentamento das desinências pessoais de outros tempos verbais (p.ex. *amasses*, *amássemos*, *amassem*) ou através da aglutinação das formas pronominais (-*mos* = *nos*) [Meier, 1950: 122]. Para além disso, com muita frequência, aplica-se a origem da flexão por uma confusão fácil entre o infinitivo e algumas formas do futuro do conjuntivo [Maurer Jr., 1968: 13].

Maurer Jr. [*ibidem*: 100-101] com base nos factos históricos bem documentados, como o próprio autor sublinha, enumera quatro etapas da evolução do infinitivo impessoal ao pessoal e chega à conclusão de que é a personalização que leva à flexão: 1) aparecimento do infinitivo preposicionado no latim vulgar (especialmente na Península Ibérica; com quase todas as preposições e em muitas construções); 2) criação da oração infinitiva (normalmente preposicionada) com sujeito no caso nominativo (expressões infinitivas de sentido genérico e indeterminado transformavam-se em orações pessoais completas que funcionavam como equivalentes perfeitos das orações conjuncionais de valor adverbial, além de admitirem outras aplicações); 3) transferência analógica das desinências pessoais das formas finitas do verbo ao infinitivo, nos casos em que este admitia um sujeito no nominativo;

² Carolina Michaëlis de Vasconcelos primeiro simpatiza com a interpretação de Otto para depois abandoná-la e seguir o ponto de vista de Rodrigues [Maurer Jr., 1968: 8].

4) lenta mas progressiva extensão da forma flexionada a construções nas quais se usava primitivamente o infinitivo invariável, desde que elas pudessem ter um sentido pessoal claro ou não aparente.

Na segunda metade do século XX surgiram diferentes interpretações sintáticas, ou seja, várias pesquisas no campo da sintaxe. Os linguistas tentaram confrontar o emprego do infinitivo pessoal e as suas supostas origens, verificar as semelhanças e as diferenças neste âmbito [Hampejs, 1961: 183]. Deste modo, os estudos realizados abalaram a confiança do imperfeito do conjuntivo como a origem do infinitivo pessoal por as divergências no uso das duas formas prevalecerem muito sobre as concordâncias. Não queríamos aqui entrar em detalhe quanto às interpretações sintáticas. Tentaremos abordar este tema num outro artigo.

No âmbito dos estudos dedicados ao infinitivo pessoal surgiram também interpretações psicológicas relativas à sua origem. De um modo geral, o fenómeno linguístico em causa foi considerado uma particularidade e criação portuguesa, tendo portanto aparecido várias interpretações psicológicas de linguistas não satisfeitos com uma explicação exclusivamente histórica e linguística. O objetivo das pesquisas foi apanhar o carácter do povo que criou e usava o infinitivo pessoal [Meier, 1950: 130]. Michaëlis de Vasconcelos reconhece no infinitivo pessoal “estreme e democrática liberdade e originalidade, com que os Portugueses tratam os materiais da sua língua” [*ibidem*: 130]. Said Ali, por seu turno, procura a origem do infinitivo pessoal no carácter dos antepassados galego-portugueses: “Sendo o povo galego de ânima rude (...), tal rudeza parece ter concorrido para que os seus naturais viessem a determinar por meio de flexões ou desinências uma forma verbal, que se lhes afigurava *abstracta e vaga* por sua impessoalidade” [*ibidem*: 130]. O linguista acrescenta também que os galegos e os portugueses “geograficamente estão contaminados da ênfase da linguagem, tão característica do povo ibero e o infinitivo pessoal começou a ocorrer-lhe nos casos em que era preciso *encarecer o assunto* ou *eleva a linguagem*” [Meier, 1950: 130-131].

Parece-nos que nem as interpretações fonológicas e morfológicas nem – isso ainda menos – as interpretações psicológicas podem

explicar a origem do infinitivo pessoal. Na nossa opinião as interpretações sintáticas podem contribuir significativamente para responder à pergunta sobre a origem do infinitivo pessoal o que tentaremos mostrar num estudo no futuro.

Fenómeno português?

Na parte final do nosso trabalho queríamos responder à pergunta feita no título do artigo: infinito pessoal é ou não um fenómeno exclusivamente português? Vários autores apontam que o infinitivo pessoal aparece nos textos neapolitanos, mas somente do século XV [*ibidem*: 115; Said Ali, 2008: 61]. Segundo Said Ali [2008] graças a investigações, quer dizer antigos documentos, pode-se constatar que a forma do infinitivo pessoal foi utilizada não somente no oeste da Península Ibérica mas também em outras partes da Península Ibérica. Contudo, o infinitivo espanhol atual com o sujeito expresso não pode ser tratado como um equivalente por apresentar, entre outras diferenças, um uso mais restrito (ao contrário do infinitivo pessoal português, não aparece nas orações finais) e porque o sujeito pronominal é posposto, e não anteposto, em relação ao infinitivo. A única língua ibérica, além do português, que dispõe do infinitivo pessoal é o galego. Não queríamos entrar aqui em questões relacionadas com a história das línguas e nem com a política linguística e discutir a questão de o galego ser uma língua independente ou um dialeto do português³. No entanto, infinitivo

³ Peixoto da Fonseca [1985: 246] enumera o galego como um dos co-dialetos portugueses, junto com o riodonorês (rionorês), quadramilês, mirandês (e sendinês). Cunha e Cintra [1998: 10] dizem que a faixa ocidental da Península é ocupada pelo galego-português com um conjunto de dialetos: dialetos galegos, dialetos portugueses setentrionais e dialetos portugueses centro-meridinais. O seu ponto de vista cita Mateus [Mateus et al., 2003: 43]. Contudo, o galego é língua oficial na Galiza conforme o Estatuto de Autonomia e Constituição Espanhola e considerada como uma das línguas de Espanha por Ethnologue [2013].

português e galego apresentam tanto semelhanças morfológicas como sintáticas.

Maurer Jr. [1951: 7] constata que o húngaro apresenta o mesmo fenómeno que o português (existência tanto do infinitivo impessoal como pessoal) mas aponta que o seu uso não corresponde perfeitamente ao emprego no português. Quanto ao finlandês, outra língua da mesma família, Maurer Jr. [*ibidem*: 7] nega a existência do infinito pessoal, enquanto que Hampejs [1961: 179] fala do infinitivo flexionado finlandês, mas cuja flexão e emprego diferem muito do infinitivo português.

No entanto, faltam trabalhos que de forma inequívoca demonstrem que existem línguas com o equivalente do infinitivo pessoal português. Não conseguimos encontrar nenhuma análise que o provasse. Esperamos por trabalhos de carácter contrastivo e comparativo que nos ajudem a responder à pergunta: infinitivo pessoal – um fenómeno português?

Referências bibliográficas

- COIMBRA, I., MATA COIMBRA, O. (2011), *Gramática Ativa 1*, Lidel, Lisboa–Porto.
- FONTÃO DO PATROCÍNIO, E., COUDRY, P. (2007), *Fala Brasil. Português para estrangeiros*, Pontes, Campinas.
- HAMPEJS, Z. (1961), “Alguns problemas do infinito conjugado no português”, em: *Separata das Actas do IX Congresso Internacional de Linguística Românica*, Tomo I (Boletim de Filologia, Tomo XVIII, 1959), Centro de Estudos Filológicos, Lisboa, pp. 177-194.
- LEMO, H. (2004), *Praticar Português. Nível Intermédio*, Lidel, Lisboa–Porto–Coimbra.
- MATA COIMBRA, O., COIMBRA, I. (2002), *Gramática Ativa 2*, Lidel, Lisboa–Porto–Coimbra.
- MATA COIMBRA, O., COIMBRA, I. (2001), *Português sem Fronteiras 2*, Lidel, Lisboa–Porto–Coimbra.

- MATEUS, M. H. M., BRITO, A. M., DUARTE, I., HUB FARIA, I. (2003), *Gramática da Língua Portuguesa*, Caminho, Lisboa.
- MAURER Jr., T. H. (1951), *Dois problemas da Língua Portuguesa – O Infinito Pessoal e o Pronome SE*, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- MAURER Jr., T. H. (1968), *O Infinito Flexionado Português (estudo histórico-descritivo)*, Companhia Editora Nacional, São Paulo.
- MEIER, H. (1950), “A génese do infinito flexionado português”, em: *Boletim de Filologia*, XI, Lisboa, pp. 115-132.
- MELO ROSA, L. (1998), *Vamos lá continuar! Explicações e Exercícios de Gramática e Vocabulário (Níveis Intermédio e Avançado)*, Lidel, Lisboa–Porto.
- NAZARÉ DE CARVALHO LAROCA, M., BARA, N., CUNHA PEREIRA, S. M. DA (2003), *Aprendendo Português do Brasil. Um curso para estrangeiros*, Pontes, Campinas.
- OLIVEIRA, C., COELHO, L. (2007a), *Gramática Aplicada. Português Língua Estrangeira. Nível Inicial e Elementar A1, A2 e B1*, Texto Editores, Lisboa.
- OLIVEIRA, C., COELHO, L. (2007b), *Gramática Aplicada. Português Língua Estrangeira. Nível Intermédio e Avançado B2 e C1*, Texto Editores, Lisboa.
- OLIVEIRA, C., COELHO, L. (2007c), *Aprender Português 2, Curso Elementar de Língua Portuguesa para Estrangeiros, Nível B1*, Texto Editores, Lisboa.
- PEIXOTO DA FONSECA, F. V. (1985), *O Português entre as Línguas do Mundo. (Situação. História. Variedades)*, Livraria Almedina, Coimbra.
- PAUL, L. M., SIMONS, G. F., FENNIG, Ch. D. (eds.) (2013), *Ethnologue: Languages of the World*, Texas: SIL International, Dallas.
- RODRIGUES, J.M. (1933), “Sôbre o uso do infinito impessoal e do pessoal em Os Lusíadas”, *Boletim de Filologia*, Lisboa, I, 3-4, p. 3-7 e p. 177-184, II, 1, p. 1-2.
- SAID ALI, M. (2008), “O infinitivo pessoal”, em: Bechara, E. (ed.) *Dificuldades da Língua Portuguesa. Estudos e observações*, Academia Brasileira de Letras, Rio de Janeiro, pp. 61-85.
- TAVARES, A. (2004), *Português XXI 2*, Lidel, Lisboa–Porto–Coimbra.
- TAVARES, A., TAVARES, M. (2012), *Avançar em Português*, Lidel, Lisboa–Porto.